

LITERATURA DO TESTEMUNHO NO NORTE DO BRASIL: AS MARCAS DA VIOLÊNCIA NA LITERATURA DO PARÁ

César Alessandro Sagrillo Figueiredo (UFT)

cesarpolitika@gmail.com

Jacielle da Silva Santos (UFT)

jacyla03ale@gmail.com

RESUMO

Observamos, sobremaneira, a emergência de um modelo de literatura durante os processos de rupturas da história e como reflexo das marcas da violência, a literatura que se debruça sobre essa temática serve de porta-voz dos sujeitos do período, recebendo o nome de Literatura do Testemunho. Esta literatura se tornou fértil na América Latina a partir do Prêmio Casa de Las Américas, em meados dos anos 60, impulsionada pelo governo cubano com vista a premiar a produção da literatura versada sobre esse tema literário. Assim sendo, mediante este enfoque, o objetivo principal desse artigo é examinar a produção da Literatura do Testemunho no Norte do Brasil, precisamente no estado do Pará, através do diálogo de dois autores que se dedicaram sobre a região, quais sejam: 1) Abílio Pacheco, autor de *Em despropósito (Mixordia)* (2013); e, Janailson Macedo Luiz, autor de *Crônicas do Araguaia* (2015). Do ponto de vista metodológico tratar-se-á de um trabalho bibliográfico, pois visa à reconstituição dessa produção a partir da leitura dessas obras. Como resultado de pesquisa, compreendemos que a produção da Literatura do Testemunho no Pará é reflexo do modelo latino americano que versa sobre memórias de vítimas da violência local, dialogando com a própria história da região.

Palavras-chave:

Dialogismo. Literatura regional. Literatura do testemunho.

ABSTRACT

We observed, above all, the emergence of a model of literature during the processes of rupture in history and as a reflection of the marks of violence, the literature that focuses on this theme serves as a spokesman for the subjects of the period, receiving the name Literature of the A testimony. This literature became fertile in Latin America as a result of the Casa de Las Américas Prize in the mid-1960s, driven by the Cuban government with a view to rewarding the production of literature on this literary theme. Therefore, with this focus, the main objective of this article is to examine the production of the Literature of the Testimony in the North of Brazil, precisely in the state of Pará, through the dialogue of two authors who dedicated themselves to the region, namely: 1) Abílio Pacheco, author of *Mixordia* (2013); and, Janailson Macedo Luiz, author of *Chronicles of Araguaia* (2015). From a methodological point of view, it will be a bibliographic work, since it aims to reconstitute this production from the reading of these works. As a result of the research, we understand that the production of the Literature of the Testimony in Pará is a reflection of the Latin American model that deals with memories of victims of local violence, dialoguing with the region's own history.

Keywords:
Dialogism; Testimony literature; Regional Literature

1. Introdução

Ao discutirmos sobre as formas, modelos e gênero de literatura, devemos ter em tela, sobremaneira, a gênese como a mesma fora processada, assim como suas matrizes formativas e contexto histórico que em fora gestado. Partindo desse enfoque temos como objetivo principal desse artigo examinar a produção da Literatura do Testemunho no Norte do Brasil, precisamente no estado do Pará, através do diálogo de dois autores que se dedicaram sobre a região, quais sejam: 1) Abílio Pacheco, autor de “Em despropósito” (Mixordia) (2013); e, Janailson Macedo Luiz, autor de “Crônicas do Araguaia” (2015).

Do ponto de vista metodológico tratar-se-á de um trabalho bibliográfico, pois visa à reconstituição dessa produção a partir da leitura dessas obras. Como resultado de pesquisa, compreendemos que a produção da Literatura do Testemunho no Pará é reflexo do modelo latino americano que versa sobre memórias de vítimas da violência local, dialogando com a própria história da região.

2. A memória e a Literatura do Testemunho

A Literatura do Testemunho se inseriu como suporte nesse cenário de estudo, uma vez que a vasta produção bibliográfica, realizada no final da década de 70 e início dos anos 80, serviu como ancoragem e fonte de pesquisa para as vítimas retratadas nessas obras, endossando os crimes de lesa-humanidade realizados pelo Estado brasileiro durante o regime militar. Portanto, destacamos que a chave principal desta Literatura do Testemunho é acionada pela memória, precisando, portanto, ser ativada de forma crível, a fim de evitar o seu mau uso e falseamentos.

Um dos autores de consenso entre os vários estudos e utilizados como aporte teórico, justamente pelo fato de inaugurar esse campo da memória, é o sociólogo francês Maurice Halbwachs. Destaca-se a sua obra, *A Memória Coletiva* (2006), em que o autor enunciava três eixos aonde a memória iria se desenvolver e germinar, como se fosse um gradiente, ora se alimentando ora conflitando, seria definido em: 1) a memória individual, 2) a memória coletiva e 3) memória oficial. Quanto a memória individual, podemos dizer que ela seria a mais delicada, justa-

mente porque se utiliza apenas das reminiscências individuais para se equilibrar, muitas vezes incorrendo num fio frágil, natural em todos os indivíduos, justamente pela perda das lembranças em virtude do transcurso do tempo. Assim, ratificamos que além da veracidade dos fatos que devem estar ancorados na Literatura do Testemunho, também a memória não pode ser fruto unicamente das lembranças individuais fugidias, mas produto de um conjunto de indivíduos que formaram coletivamente uma memória social e que se sentiram impelido a recontar a história, como se houvesse a necessidade de recompor um tecido social ferido pelos períodos de exceção, adversidades e catástrofes.

Nesse cenário de reconstrução da memória, Halbwachs enfatizava que a memória sempre seria construída no presente a partir da rememoração do passado, portanto, sempre buscando através do filtro do tempo presente o retrato do passado - muitas vezes incompletos, haja vista que o olhar da lembrança é operacionalizado por meio do filtro interpretativo do tempo presente. Nesse enquadramento, a fim de dar sustentação e tessitura a esses quadros da memória, o indivíduo precisaria, necessariamente, de apoio do grupo que ele fez parte como intuito de endossar ou confrontar as suas memórias, criando e reforçando, por conseguinte, uma memória coletiva de um grupo que possui uma mesma lembrança de um fato ou evento.

A partir deste aporte, podemos dialogar teoricamente com Paul Ricoeur através da sua obra, *A Memória, a história, o esquecimento* (2007), principalmente quando o autor salienta que o dever de lembrar pode implicar, muitas vezes, numa memória obrigada dentro de um viés imperativo, como se fosse um dever de fazer justiça às vítimas com a qual o grupo social vivenciou situações adversas, dessa forma quem sobreviveu acabaria por contrair uma dívida e teria obrigação de saldar (*Idem*, p. 101). Buscando discorrer acerca desse encaixe da memória obrigada, por exemplo, pode ser estendida para as vítimas do nazismo ou das ditaduras militares da América latina, especialmente nas situações em que os sobreviventes se sentem na obrigação de rememorar as vítimas a partir das suas lembranças. Salientamos que não seria uma concórdia com o passado de dor, mas um modo de homenagear quem não sobreviveu; justamente por isso, via de regra, estabelece-se uma sentença imperativa proferida pelos sobreviventes dessas situações de catástrofes coletivas: para que não se esqueça, para que nunca mais aconteça.

Nesta acepção, utilizando o conceito de Paul Ricoeur, podemos vincular o uso dessa memória com mais ênfase aos personagens da pri-

meira geração vítimas desses traumas e catástrofes da história, melhor dito, àqueles que fora vítima de situações adversas e se sentiram obrigados em utilizar o enquadramento da sua memória com o intuito de render homenagens e impelir que não haja o esvanecimento dos que pereceram. Ampliando o escopo das memórias obrigadas, constatamos que memórias traumáticas podem ser passadas inclusive para outras gerações, principalmente quando a família ativa essas lembranças com o fito de não esquecimento. Neste enquadramento, Mariane Hirsh (2016, p. 303) enuncia a elaboração conceitual da pós-memória, sendo este o “modo como a geração que veio depois daquelas que testemunharam o trauma cultural ou coletivo se relaciona com as experiências daqueles que viveram antes, experiências que eles ‘se recordam’ apenas por meio de histórias”. Concluindo o feixe memorialístico da 2ª geração, esses conseguem evocar o passado, mas, segundo a autora, com investimento imaginativo, pela projeção e criação.

Nesse percurso de ativamente do campo da memória dos sobreviventes é que surgiu a denominada Literatura do Testemunho, que se erigiu frondosamente como fruto dos livros publicados, especialmente, pelas vítimas de primeira geração do nazismo. Torna-se destaque, por exemplo, as obras de vários autores que procuraram descrever como era a vida dentro dos Campos de Concentração, igualmente é relevante destacar as obras de cunho memorialísticos dos diversos sobreviventes do Holocausto, dos exílios, dos genocídios e das ditaduras militares. A produção é ampla e extremamente abrangente, pois reflete muito a partir das dores e dos sofrimentos das vítimas, tornando-se extremamente farta como material bibliográfico até o presente, podendo ser testemunhos, relatos, biografias e depoimentos. A primeira vertente deste gênero destaca as agruras dos judeus nos campos de concentração e receberam o nome judaico de *Shoah*, que etimologicamente significa Catástrofe.

Uma outra vertente da Literatura do Testemunho estabeleceu um outro conceito. Surgida nos anos 60, impulsionado pelo Prêmio Casa de Las Américas e fomentada pelo governo cubano, recebeu a denominação *Testimonio*, que na sua tradução livre podemos definir como Testemunho. Essa literatura possui um caráter eminentemente político, pois visa dar voz aos oprimidos pelos regimes ditatoriais que germinaram na América Latina a partir dos anos 60. Conforme sabemos, ao longo dos anos 60 e 70, a América Latina virou palco de regimes de exceções e Golpes de Estados que assolaram o continente, deixando milhares de refugiados, torturados, presos e exilados políticos. Portanto, visa fazer ecoar as vozes

das vítimas dos regimes ditatoriais, o governo cubano impulsionou este modelo de literatura extremamente politizada e objetivando testemunhos memorialístico, com vistas a construir um painel político latino-americano.

Ou seja, enfatizamos que o aporte teórico acerca do testemunho reproduz, conseqüentemente, um conjunto de vozes que sempre polarizam a reflexão a partir da literatura memorialística e que também se coadunam com outras searas, como o jornalismo e o cinema, justamente pela sua capacidade discursiva de reverberar com força o testemunho, a memória e a resistência. Nesse sentido, realçamos que essa multivocalidade das vozes do testemunho, tanto do *Shoah* quanto do *Testimonio*, reativam a história e, conseqüentemente, possuem instrumentos políticos de denúncias. No caso brasileiro, tributário dessa segunda vertente, esses *links* atualizaram e aproximaram fronteiras discursivas comuns contra a ditadura civil-militar em seu estágio final.

Em síntese, no Brasil a Literatura do Testemunho e outras mídias conseguiram se transformar em porta-vozes privilegiados de alguns personagens, principalmente os que resolveram transpor a barreira dos subalternos com os seus silêncios forçados e os lapsos históricos oficiais: mediante essa literatura conseguiram revelar as dores desses agentes políticos através das páginas dos livros.

3. *Literatura de testemunho no Pará*

O discurso enquanto prática social manifestada por meio da competência linguística do sujeito (ORLANDI, 2015) nos remete as maneiras com as quais esses desejam perpetuar os acontecimentos vivenciados e guardados em suas memórias, seja oralmente ou em forma de texto escrito. Convencionalmente, esses fatos históricos são divulgados por meio de textos escritos por algum historiador de renome ou ainda de pesquisadores na área.

O que acontece é que em contato com as narrativas oficiais nem todos os sujeitos envolvidos no evento histórico - em especial aqueles considerados à margem da sociedade capitalista - não se constituem enquanto parte dessa história contada, uma vez que o ponto de vista em que aparece oficialmente não incluem aqueles que sofreram as barbáries do sistema político social de determinado lugar e época. Assim, aqueles que fizeram história juntamente com os nossos colonizadores, são deixa-

dos à margem da história oficial, reverberando apenas uma faceta dos acontecimentos narrados.

Há, ainda, muito a ser revelado sob a perspectiva daqueles que fizeram, juntamente com as forças armadas, a história de um lugar. Nesse entremeio, temos os relatos de camponeses, cidadãos comuns, colocados à margem da história oficial estudada e divulgada sendo ecoada por professores, jornalistas, médicos, entre outros, escritores. Esses mediadores, portanto, optam por narrar sob a perspectiva do negligenciado, dando lugar na história para aquele que sofreu/sofre diretamente os traumas de um passado sombrio, cheio de dor, em que sague e suor se misturam na memória coletiva que constitui o povo de determinada região.

O testemunho latino-americano contemporâneo denuncia e celebra, pois seu desejo é a verdade. Narra em paralelo não para identificar mas para confrontar, distingue e não assimila. Seu desejo é desconstruir uma história hegemônica, ao mesmo tempo em que deseja construir uma outra história que se torne hegemônica. (ACHÚGAR, 2002, p. 62)¹

Nesse sentido, a historiografia, por meio da literatura, tem tomado um novo tom, uma nova perspectiva que traz à tona a memória daqueles que não puderam ser ouvidos ao longo da construção da história divulgada oficialmente. Assim, alguns pesquisadores/ escritores literários vêm reconstruindo a história oficial por meio de textos não ficcionais que dão vazão a memória daqueles que estiveram diretamente relacionados aos acontecimentos, mas que não aparecem como personagens principais na história reverberada oficialmente.

É esse desejo de reconstruir a história narrada oficialmente que vem fazendo escritores paraenses – como Janailson Macêdo e Abílio Pacheco - trazerem em seus escritos essa voz ignorada ao longo dos anos. A voz dos camponeses os quais são também protagonistas de acontecimentos como a Guerrilha do Araguaia² (1972–1975) e o Massacre de

¹ El testimonio latinoamericano contemporáneo denuncia y celebra, pues su deseo es la verdad. Narra en paralelo no para identificar sino para confrontar, distingue y no asimila. Su deseo es desmontar una historia hegemónica, a la vez que desea construir otra historia que llegue a ser hegemónica. (ACHÚGAR, 2002, p. 62).

² A Guerrilha do Araguaia foi um movimento de luta armada (guerrilheiro) que ocorreu na região do Araguaia (divisa entre os estados de Tocantins e Pará), entre os anos de 1972 e 1975. Este movimento era contrário à ditadura militar implantada no Brasil, através de golpe, em 1964. https://www.historiadorbrasil.net/resumos/guerrilha_araguaia Acessado em: 02/11/2020

Eldorado dos Carajás (1996)³. Por meio das narrativas de escritores como eles a história hegemônica é colocada ao lado dessa outra versão desses acontecimentos, resignificando-os. O desejo maior aqui, não é contestar ou deixar cair no esquecimento a história oficial, pelo contrário, é preciso que as duas versões andem juntas, sejam contadas e ouvidas por todos, para que sejamos capazes de perceber em cada uma as várias facetas da memória narrada. Essa reconstrução se dá no âmbito da ficção, ou como intitularemos aqui, no espectro da Literatura de Testemunho.

A Literatura de Testemunho, segundo (FIGUEIREDO, 2020), é o relato de testemunhos da violência vivenciada pelos autores (eu/narrador) em dado momento histórico. Ou seja, é essa memória coletiva daqueles que foram silenciados ao longo dos anos (as testemunhas desses acontecimentos) que os sujeitos letrados darão eco. Conforme apontado por Achúgar, 2020:

Abrangendo biografia e autobiografia, disputada pela antropologia e pela literatura, e assumindo modalidades de narrativa e discurso histórico, o depoimento abre, para além e independentemente do problema genérico, um espaço próprio. Um espaço ou formação discursiva, isto é, um modo de produção do discurso, determinado pela situação histórica de sua própria enunciação e pela posição que tanto o sujeito da enunciação final quanto aquela prevista para o sujeito da enunciação assumem na sociedade. Pressupõem a constituição e a participação de um sujeito social complexo (letrado mais a voz marginalizada) na esfera pública. Esse espaço discursivo, porém, não parece claramente delimitado na leitura dos letrados. (ACHÚGAR, 2002, p. 62-3)⁴ (tradução nossa)

³ Em 17 de abril de 1996, dezenove trabalhadores rurais sem terra foram mortos pela polícia militar no episódio que ficou mundialmente conhecido como Massacre de Eldorado dos Carajás, ocorrido no sudeste do Pará. Os trabalhadores do Movimento dos Sem Terra faziam uma caminhada até a cidade de Belém, quando foram impedidos pela polícia de prosseguir. Mais de 150 policiais – armados de fuzis, com munições reais e sem identificação nas fardas – foram destacados para interromper a caminhada, o que levou a uma ação repressiva extremamente violenta e na morte dos trabalhadores. <https://anistia.org.br/noticias/massacre-de-eldorado-dos-carajas-20-anos-de-impunidade-e-violencia-campo/> Acessado em: 02/11/2020

⁴ A caballo entre la biografía y la autobiografía, disputado por la antropología y la literatura, y asumiendo modalidades propias de la narrativa y del discurso histórico, el testimonio abre, más allá y con independencia de la problemática genérica, su propio espacio. Un espacio o formación discursiva, o sea un modo de producción del discurso, determinado por la propia situación histórica de su enunciación y por la posición que tanto el sujeto de la enunciación final como la prevista para el sujeto del enunciado asumen en la sociedad. Ambos sujetos presuponen la constitución y la participación de un sujeto social complejo (letrado más voz marginada) en la esfera pública. Ese espacio discursivo, sin embargo, no parece claramente delimitado en la lectura de los letrados. (ACHÚGAR, 2002, p. 62-3)

Essa relação entre a memória coletiva e a memória individual dos sujeitos do trauma histórico, permitem ao sujeito letrado, aquele que representa a academia, fazer ecoar a voz do sujeito do trauma. Nessa construção dialógica, os cacos da memória individual se constituem e se fazem constituir uma memória coletiva, a qual, pela possibilidade de eco a partir da ficcionalização desses escritores mais sensíveis aos acontecimentos históricos, podem vir a se tornar hegemônica ao passo que os leitores, conhecem, discutem e compartilham essa memória coletiva do trauma. Sob esta perspectiva, apresentaremos aqui duas obras de escritores paraenses que fazem ecoar a memória coletiva dos sujeitos marginalizados, esquecidos e desconsiderados pela história oficial.

Em *Crônicas do Araguaia* (2015), de Janailson Macêdo, temos um livro organizado em 12 contos, no qual todas as personagens são construções de uma memória coletiva de moradores de Marabá- PA e região a respeito da Guerrilha do Araguaia. O referido autor, nos revelou que os contos foram surgindo à medida que ele ouvia, ao chegar na cidade de Marabá- PA, os depoimentos dados à Comissão Nacional da Verdade no auditório da UNIFESSPA no ano de 2014 e os comentários feitos por taxistas, entre outros moradores da região a respeito desse acontecimento histórico, silenciado pela história oficial. Como historiador e escritor, Janailson, nos apresenta em seus contos, vários pontos dessa memória coletiva, perpassada, assim como no romance *Em despropósito* (Mixórdia), há a forte presença de personagens que sofrem, no presente da narrativa, por um acontecimento passado que trouxe dor, sofrimento físico e psicológico à população local. Assim, encontramos no *Crônicas do Araguaia*, perseguições e ameaças atuais aos sobreviventes e /ou seus descendentes, desaparecimento de pessoas envolvidas com a defesa dos camponeses, tortura, violência física e psicológica, assassinato de inocentes. A seguir, alguns excertos do livro que apresentam ao leitor essa violência:

– Soube que o senhor estaria por Marabá e vim presenciar esse ilustre retorno.

– O que você quer?

– Lembrá-lo de continuar esquecido de algumas coisas. Alguns nomes. De gente que continua por aí e não quer ser incomodada com coisa do passado, entende? (MACÊDO, Janailson. *O fantasma da casa azul*, 2015, p. 15)

Não vivi o suficiente para esquecer, falou-me mamãe, com um sopro, da última vez que passamos a tarde a desenhar Laura em uma das cadeiras vazias da cozinha. (MACÊDO, Janailson. *Desenhando Laura*, 2015, p. 22)

Da vila pai e filho são levados, braços amarrados, até Xambioá. Pouco depois do meio dia, são abrigados em uma base, onde lhes é apresentada a parte que lhes caberá nos próximos dias, uma fossa. Ao nela mergulharem, sentem seus odores de suor, urina e sangue serem lavados por aquele aroma. (...) Há pouco o helicóptero havia lhes jogado vento e barulho. Trazia dependurado, mais um corpo, sem cabeça, de homem pinçado no mato. (MACÊDO, Janailson. *Judiaria*, 2015, p. 28)

No primeiro excerto, temos a sombra de um passado que se faz presente a todo instante. É a dor, o medo de reviver aquele acontecimento, que vem atormentando os sobreviventes. Nesse conto, por exemplo, assim como em outros que compõem o livro, é nítido a constante ameaça que sofre sobreviventes e descendentes. Aquele que ousa falar aquilo que sabe não fica vivo por muito tempo. A todo instante, a memória coletiva do trauma de moradores da região é acionada por uma ameaça aqui, uma bala perdida ali, levando a óbito aquele que ousara falar. É um viver sem sentido para aqueles que sobrevivem. O evento traumático é contínuo.

Outra memória coletiva é a da espera daquelas famílias que perderam seus entes queridos. Não há justiça social, não há punição para os assassinos, apenas perdura o silêncio e a espera angustiante de uma notícia ou de um corpo para ser velado. A certeza de que não há retorno e muito menos a tão sonhada justiça, quando a política de silenciamento pelo ocorrido na região é intensificada a cada ano, apesar de já ter se passado quase 50 anos do evento histórico da Guerrilha do Araguaia.

No conto “Judiaria”, por exemplo, vemos como abruptamente as famílias são tiradas de suas casas, muitos sem entender o que realmente estava acontecendo e são forçadas a viver a tortura do pau de arara, choques elétricos, falta de higiene e alimentação. Pior, são levadas a cavar a cova de vizinhos, colegas, amigos e até mesmo familiares. Tudo em nome de uma política que cerceava os direitos constitucionais da nação. Plantar, colher e trabalhar em prol de uma comunidade campesina e questionar os direitos dos trabalhadores do campo é um ato de terrorismo.

A narração é intensa, sensível ao sofrimento daquele povo. O objetivo é promover a justiça social por meio das vozes dos sobreviventes ou em memória daqueles desaparecidos que não estão mais entre nós. É latente no desenrolar da trama a postura política repressora e ameaçadora

que ainda hoje perturba os moradores da região. Os contos transitam entre um narrador onisciente e personagem, todos revelando a forma violenta e bárbara como a ação civil-militar no estado do Pará agiu/age com os camponeses, guerrilheiros e seus descendentes. Mesmo que todas as personagens sejam literalmente fictícias – não se relacionam a nenhum sujeito específico, envolvido direta ou indiretamente na guerrilha – como afirmado pelo próprio escritor em entrevista concedida à nós (SANTOS *et al.*, 2020), conseguimos perceber a verossimilhança em cada parte da narração, ou seja, o escritor reverbera as histórias subalternas omitidas pela ação do Estado, ressignificando a história daqueles que foram negligenciados, mas que sobrevivem na memória coletiva da região.

Em “Despropósito (Mixórdia)” (2013), Abílio Pacheco, nos apresenta em uma longa narrativa em prosa um sujeito traumatizado (Mário), o qual narra sua própria história de vida permeada por questões políticas regionais-nacionais de violência. O narrador em primeira pessoa, nos leva a conhecer os conflitos agrários, políticos e ideológicos do Sul e Sudeste do Pará, fazendo menções diretas ao Massacre de Eldorado dos Carajás (1996) e a Guerrilha do Araguaia (1972-1975). Ambos acontecimentos que além de dizimar camponeses locais, marcaram a vida e a história da população da região com abuso e violência sexual em meninas e mulheres da região; exploração do trabalho além de torturas físicas e psicológicas de camponeses e moradores.

Meu pai era um bandido. Durante a Guerrilha, apoiou morte de terrorista, ajudou polícia, matou para ter as posses que acumulou, violentou camponesas, fez abigeatos, assistia às torturas comprazendo-se como Boilezen, ajudava a dar fim no que restava das cabeças de papagaios. (PACHECO, 2013, p. 58)

Nesse romance, o sujeito narrador, filho de um dos fazendeiros com participação direta e indireta da violência rural no Estado do Pará, é fruto de um estupro. Sua vida já se inicia com o trauma primário, saber que seu pai biológico tem ligações diretas com o massacre de vários camponeses, o estupro de mulheres, a violência pela posse de terra, o abuso e exploração do camponês. Ao longo da narrativa, ele deixa claro sua dor, trauma, ódio e demais sentimentos que permeiam a memória das vítimas desses acontecimentos. É uma narrativa passional, em que o sujeito do trauma, vai revelando aos poucos, sem dizer muito, todo trauma que o envolve.

Você não contava que o escrever é também doloroso. Que algum paciente fosse escrevendo como um andar bêbado. Num compasso de velório. En-

fastioso. [...] Eu preciso conseguir escrever, declarar no papel para me desprender disso. Catar-me. (PACHECO, 2013, p. 58)

É um jogo com flashes da memória. O sujeito traumatizado tenta a todo instante levar uma vida dita normal, porém guardar essas dores só para si vai dilacerando-o e o impedindo de conseguir a vida mais digna. Ao passo que o sujeito do trauma tenta esquecer as sombras de seu passado doloroso a vida lhe conduz a acontecimentos que o fazem rememorar a todo instante suas dores. Aos poucos os cacos de memória do narrador vão tomando forma. Metaforicamente ele nos deixa pistas, cabendo ao leitor tentar montar esse quebra-cabeça, sobretudo, à medida que as notícias de jornal do Massacre dos sem-terra vão se misturando a narrativa principal, forçando o narrador a falar quando ele quer esquecer.

Nesse jogo de construção e desconstrução do eu-sujeito sofredor da enunciação, Mário (Bartimário), vai se reconstruindo e retomando sua vida, aos poucos. A dor é tamanha que o dilacera, o faz não querer rememorar, mas a vida o força a sentir, novamente, toda as dores de um passado que ele sempre quis esconder. “Eu sabia disso: a vida e o tempo ensinam capengas” (*IDEM*, p. 110) Para atormentar ainda mais o sujeito do sofrer, as pessoas que ele tenta a todo momento esquecer, aquelas que fazem parte das sombras de seu passado, vão aparecendo sutilmente em sua vida até que toda a história de sua vida, sua verdadeira identidade, venha ao conhecimento do leitor e todas as personagens envolvidas em sua vida presente.

A Literatura de Testemunho assume, então, a função de justiça social para aqueles que não puderam falar oficialmente. Desse modo, os acontecimentos históricos são ressignificados a partir de relatos, depoimentos, documentos dos sobreviventes ou ainda de quem ouviu e a ouvir internalizou a dor do outro, reviveu, sentiu e, ao sentir, registrou o acontecimento partir do que apreendeu como é o caso do Crônicas do Araguaia de Janailson Macedo. “Nessa literatura há uma intrínseca relação entre o real e o vivido (...) é uma literatura que procura trazer à tona passados violentos e bárbaros.” (FIGUEIREDO; SANTOS, 2020, p. 303).

Vemos então, que testemunho, literatura e história caminham em uma linha tênue. Considerando aqui “testemunho enquanto categoria chave para pensar a narração da memória traumática” (SARMENTO-PANTOJA, 2019, p. 5). Nesse ínterim, vem se discutindo sobre a escrita de acontecimentos históricos e, brevemente, iremos refletir aqui sobre a relação entre a nova forma de narrar que se tem buscado escritores e

historiadores e a literatura de testemunho. A discussão diz respeito as várias versões que surgem sobre determinado acontecimento histórico, sendo a forma narrada por historiadores presa a uma única vertente, a considerada oficial. A mesma não permite outras versões, outras interpretações, é tida como a verdade dos fatos. Assim, é preciso “mostrar, e também estabelecer, as diferenças de pontos de vista entre o passado e o presente, a Igreja e o Estado, o negro e o branco, os desentendimentos e a luta para impor definições particulares da situação (BURKE, 1992, p. 337).

Essa nova perspectiva tem levado historiadores e romancistas e repensarem a forma de narrar. A escrita densa, caracterizada pela descrição de acontecimentos, cede lugar para uma obra mais aberta, a qual permite aos leitores várias possibilidades de compreensão a partir do que é lido. Ao invés de se aterem a descrição propriamente do acontecimento, os escritores têm priorizado os sentimentos das personagens. Como elas foram impactadas direta e indiretamente por aquele momento histórico, revelando pontos de vistas múltiplos como é o caso de *Em despropósito (Mixórdia)* de Abílio Pacheco. Sob esta perspectiva, percebemos uma linha tênue entre Literatura de Testemunho e romance histórico, uma vez que as duas formas de narrar eventos históricos têm se preocupado com a versão não contada pela história oficial, fazendo ecoar a voz daqueles sujeitos marginalizados pelo próprio sistema político, social e histórico.

4. Considerações finais

De acordo com objetivos propostos, tínhamos como foco construir a análise dos textos de Janailson Macedo e Abílio Pacheco, a partir dos seus respectivos livros. Consideramos que essas obras podem ser enquadradas dentro do gênero Literatura de Testemunho, em que o lume principal é o avivamento da memória das vítimas do Estado nessa região do Brasil.

Tais obras possuem como característica em comum dar voz as vítimas da violência no estado do Pará, podendo ser considerado, portanto, uma marca distintiva desse tipo de literatura trabalhada. Ou seja, a partir de eventos políticos como a Guerrilha do Araguaia ou o Massacre de Eldorado dos Carajás, conseqüentemente, essas obras servem como porta-voz dessas vítimas por meio da escrita de um mediador letrado, disposto a escrever essas páginas em seus livros.

Finalizando, nessa busca pela verdade, consideramos que esta literatura funciona como uma tímida tentativa de ajuste de contas com a história e os seus verdugos, visto que a ditadura e as formas de opressão do Estado, de fato, nunca foram julgadas ou trabalharam efetivamente medidas de reparação para com as vítimas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACHUGAR, Hugo. La historia y la voz del otro. In: _____. (Org.). *La voz del outro: testimonio, subalternidade y verdade*. 2. ed. Guatemala: Latinoamericana Editores, 2002. p. 61-82

BURKE, Peter. *A Escrita a história: novas perspectivas* / Peter Burke (Org.). Trad. de Magda Lopes. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1992.

FIGUEIREDO, César Alessandro Sagrillo. Literatura do testemunho: a literatura da era das catástrofes. *Revista EntreLetras*, 11(1), p. 7-27, Araguaína, 2020. Disponível em: <http://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/entreletras/article/view/8333>. Acessado em 28/11/2020.

FIGUEIREDO, César Alessandro Sagrillo; SANTOS, Jacielle da Silva. Literatura do testemunho no Brasil: reflexões sobre a Guerrilha do Araguaia. *Revista EntreLetras*, 11(2), p. 300-16, Araguaína, 2020. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/entreletras/article/view/10454>>. Acessado em 28/11/2020.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.

HIRSCH, Marianne. A geração da pós-memória. In: ALVES, Fernanda Mota Alves; SOARES, Luísa Afonso; RODRIGUES, Cristiana Vasconcelos. *Estudos da memória: teoria e análise cultural*. Famaicão: Húmus, 2016, p. 299-325.

MACÊDO, Janailson. *Crônicas do Araguaia-Marabá-PA*: Ed. do Autor, 2015.

ORLANDI, Eni P.; LAGAZZI-RODRIGUES, Suzy (Orgs). *Introdução às ciências da linguagem: Discurso e textualidade*. 3. ed. Campinas-SP: Pontes, 2015.

PACHECO, Abílio. *Em despropósito* (Mixórdia). Belém: Litera Cidade, 2013.

POLLAK, Michel. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, v. 2, n. 3, p. 3-15, Rio de Janeiro. Vértice, 1989. <http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria_esquecimento_silencio.pdf>. Acessado em 28/11/2020.

RICOEUR, Paul. *A Memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Unicamp, 2007.

SARMENTO-PANTOJA, Augusto. O testemunho em três vozes: testis, superstes e arbiter. *Literatura e cinema de Resistência*, n. 32: Manifestações estéticas dissidentes, jan-jun, p. 5-18, Santa Maria, 2019. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/LA/article/view/35461/20006>>. Acessado em 28/11/2020.

SANTOS, Jacielle da Silva; LUIZ, Janailon Macedo; SILVA, Luiza Helena Oliveira da; FIGUEIREDO, César Alessandro Sagrillo. Crônicas do Araguaia: entrevista com o escritor e pesquisador Janailson Macedo. *Revista EntreLetras*, v. 11, n. 1, p. 440-51, Araguaína, 2020. Disponível em: <<http://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/entreletras/article/view/9033/16763>>. Acessado em 28/11/2020

Sites citados:

https://www.historiadobrasil.net/resumos/guerrilha_araguaia. Acessado em: 02/11/2020.

<https://anistia.org.br/noticias/massacre-de-eldorado-dos-carajas-20-anos-de-impunidade-e-violencia-campo/>. Acessado em: 02/11/2020.